

DIALÉTICA POLIFÔNICA
EM *A CARTOMANTE*,
DE MACHADO DE ASSIS

VELLOSO, Elizabete¹

¹ *Elizabete Velloso de Margarido Barbosa da Silva é Mestre em Teoria e Literatura Brasileira pela UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINESE.*

RESUMO: Dialética Polifônica em *A Cartomante*, de Machado de Assis, é um estudo sobre polifonia e dialogismo, que tem como base teoria Mikhail Bakhtin e a análise do Discurso. Neste artigo analisamos a relação das personagens Rita e Camilo em oposição com a personagem da cartomante. Esta, representa o mundo profano e marginal e aquelas, o mundo aristocrático e instituído socialmente. Nesta relação, temos o cruzamento destes dois mundos, que coexistem mutuamente, ainda que às escondidas. Neste trabalho, fazemos, pois, a análise das diversas vozes existentes no conto e principalmente a voz da cartomante, que embora pertença ao mundo profano, dita o comportamento daqueles que pertencem à sociedade aristocrática.

Palavras-chaves: Dialogismo, Polifonia, Liminaridade

RÉSUMÉ: Dialectique de beaucoup voix, dans *A Cartomant*, de Machado de Assis, c'est un étude sûr dialogue et beaucoup de voix, ou il y a la utilisation de la theorie de Mikhail Bakhtin et la analyse du discours. Dans cet travail, il y a l'analyse de les personnages Rita et Camilo et de la outre, la cartomancien, où c'est possible la verication de oposition et mondes que sont plus differents. La cartomancien habite le monde profane et les outres le monde de l'institution. C'est problem c'est que lê monde profane gouverne l'outre.

PALAVRES: Dialogue, Voix, Ligne Horizontal

O termo dialética provém do grego *dialektike*, *téchne*, e significa, originariamente, a arte de discutir. Discussão esta que objetiva a busca da verdade. Mas a verdade, se encontrada, ainda assim é questionável, uma vez que constitui apenas uma das possíveis verdades, ou melhor, uma das versões do mundo real, uma vez que “a vida real flui e não se detém, é incomensurável, um caos no qual cada história se mistura com todas as histórias, e por isso mesmo jamais começa nem termina”. (LLOSA, 2004:18).

Se a história é um processo em eterna formação e o homem está inserido neste mesmo processo histórico, suas versões sobre o mundo real também estarão em movimento permanente. Logo, o que é verdade num determinado momento pode não sê-lo em outro. Ou seja, a minha verdade está na mesma direção da minha crença, da minha experiência, da minha criação e expectativa.

A fim de que fosse organizada uma determinada sociedade, composta de tantos indivíduos heterogêneos foi convencionado o que denominados Verdade e o que é Mentira. Desta feita, muitas verdades foram legitimadas e outras, mar-

ginalizadas. As verdades e as mentiras foram então, instituídas pelas leis, convenções e/ou tradições de uma elite que detém o poder institucional. No conto *A Cartomante* - de Machado de Assis- é possível verificar o diálogo entre verdade institucionalizada e outras verdades, onde não é possível considerar uma e excluir outra, tamanha a intensidade das vozes que interagem no conto, num discurso totalmente polifônico.

O título do conto, *A Cartomante*, já pode ditar o poder de uma das vozes que estará dialogando no texto machadiano. Neste momento o leitor ainda não conhece seu conteúdo, mas já pode prever a existência de uma ledora de cartas, ou melhor, de uma adivinha que se utiliza das cartas de baralho para prever o futuro. Esta existência, todavia, pode não ser física, mas apenas uma referência a uma determinada personagem. Fato é que o título já pré-dispõe a existência de uma determinada voz.

A seguir, no início do primeiro parágrafo, temos já, o entrecruzamento de diversas vozes, do seguinte modo: o narrador apropria-se de um discurso aceito e instituído, de Hamlet, personagem de Shakespeare, Discurso este, que antecedendo seu próprio discurso, vem por assim dizer, legitimá-lo. Quando digo que o narrador se apropria, é porque não o faz em citação, nem faz referência à autoria, embora do modo como ele faz evidencie que o discurso não é seu, mas de um outro: Hamlet. Mais do que isso, evidencia que não é ele, o narrador, quem parafraseia o discurso de Hamlet, mas sim a personagem Rita (e isto muda tudo!).

Ou seja, nesta artimanha, quem legitima o discurso da cartomante não é o narrador, mas sim a personagem Rita. Ele, o narrador, apenas relaciona, faz o diálogo do discurso de Rita com Hamlet. (coisas do velho bruxo!)

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras. (ASSIS, 1962a:p.477)

Temos aí, uma duplicidade discursiva: dois autores dialogicamente intertextualizados: Hamlet e o narrador do

conto. Este, por sua vez, também narra em duplicidade: quer pela utilização do discurso do outro, quer pelo sentido deste discurso, que une e questiona três pontas distintas: o céu, a terra e a filosofia, que entre tantas coisas, tenta explicar os mistérios existentes entre os dois pólos. Desta feita, o narrador de *A Cartomante* introduz o leitor num mundo de dúvidas e questionamentos, que por sua vez, vem questionar a existência da verdade.

Ainda sob o discurso de Hamlet, o narrador une dois pólos opostos, o céu e a terra, derrubando as fronteiras existentes entre eles, horizontalizando-os, de maneira que ambos passem a coexistir no mesmo espaço, com a quebra das hierarquias, no mesmo mistério.

No diálogo do narrador com Hamlet, também se entrecruzam mais três vozes: a da vidente, a de Rita, que reproduz o discurso da cartomante, através do discurso de Hamlet e o de Camilo, que representa a descrença, ao rir da atitude de Rita. Camilo, neste momento, ridiculariza os discursos anteriores, que estão em confronto com o dele e emitem opinião diversa da sua. Vejam bem que não é apenas o discurso da cartomante que é ridicularizado pelo rapaz, mas também os demais discursos.

A seguir, Camilo pega nas mãos de Rita, com olhar sério e fixo, para logo depois a repreender, numa atitude autoritária, ou melhor, de superioridade. Isto porque Rita confessou ter ido consultar a cartomante pelo receio de perdê-lo. A repreensão, todavia, deu-se pelo fato da amante ter deixado seu mundo socialmente institucionalizado no plano elevado para entrar no mundo baixo, socialmente marginalizado, numa atitude que provoca um discurso duplo.

Ao penetrar no mundo marginalizado, Rita faz emergir este discurso, colocando-o não em posição de horizontalidade com o seu, que por sua vez é a representação do discurso legitimado na sociedade em que está inserida, mas coloca o discurso da cartomante numa posição elevada, fazendo, pois, a inversão: eleva o que está no baixo plano e rebaixa o que está socialmente no plano elevado. Isto porque Rita vai buscar respostas para suas dúvidas e inseguranças lá no mundo profano.

Isto, por sua vez, vem sugerir que o mundo oficial e aristocrático não encontra respostas no seu próprio espaço. Rita vai à cultura popular e encontra o alívio para suas incertezas no discurso do outro e enfraquece, portanto, seu próprio discurso.

Dois mundos distintos, com pontos de vistas diferentes, que coexistem paralelamente, efetivando o diálogo entre estes dois espaços, num cruzamento de vozes que só ocorre porque ambos os mundos precisam um do outro para existir. Este fato remete não apenas ao dialogismo, mas ainda à duplicidade, uma vez que ambos os discursos passam a carregar junto de si o discurso do outro. Ou seja, Rita vai à cartomante para satisfazer sua insegurança e ela dá as respostas que a amante de Camilo precisa ouvir para sentir-se aliviada.

Rita revela a Camilo que foi à casa da adivinha às escondidas, como também faz posteriormente o rapaz. Atitude escondida, porque envergonhada. É a confissão, ainda que velada, da necessidade do outro mundo para, enfim, ter condições de gerenciar a vida no seu.

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca. (ASSIS, 1962 a:p.478)

A duplicidade não está somente em Rita, mas também no próprio Camilo. O narrador afirma que o rapaz é cético e que não acredita em nada, nem em mistérios. Isto, após ele ter completado seus vinte anos. Entretanto, quando criança, viveu no meio das crendices:

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento:

limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando. (ASSIS, 1962 a: p.478)

A mãe de Camilo incutiu nele tais credices. É o que diz o narrador. Além disso, vale lembrar que ela também era um membro da aristocracia. Ao perceber que o filho não seria nada, arranhou-lhe um emprego público. O desejo do pai era de que ele estudasse medicina. Morreu sem que Camilo não conseguisse realizar nada. Este é o resumo da vida de Camilo: a negação. Negou a religião e as credices, sem nenhum questionamento. Não almejou uma profissão e deixou-se envolver por Rita, sem nenhum planejamento para o futuro no relacionamento. O que Camilo deseja para o futuro é o presente do jeito que lhe aparece. Não há nenhum indício, através do narrador, que os dois amantes tenham qualquer planejamento. Afinal, nenhum dos dois comenta a respeito disso. Rita, apesar de apaixonada, não parece querer romper o casamento que lhe permite um vida de conforto e status social e o amante não pretende constituir uma união com uma mulher casada, já que isto comprometeria sua vida social. Camilo tem, portanto, uma vida sem nenhuma responsabilidade.

Vejam que Camilo também viveu na limiaridade: entre o sagrado e o profano; entre a religião e a credice; entre o mundo elevado e o marginal. Posteriormente, resolveu negar as duas coisas. Mas o comportamento duplo, que perambula pelas fronteiras, continuou a dominar a personagem. Tanto que, tornou-se amante da mulher do seu melhor amigo, sem, entretanto, romper a amizade. Afinal, “eram amigos deveras”.

Os encontros de Rita e Camilo davam-se na casa de uma parenta da moça, o que vem mostrar também a duplicidade no comportamento da dona da casa, que aceita o encontro dos dois namorados, sem nada revelar a Vilela. Aliás, esta parenta, uma voz anônima em todo o conto, mostra, através do silêncio, como vivem aqueles que pertencem à aristocracia e como o adultério pode ser aceito como um comportamento deveras comum nesta sociedade, ainda sendo por parte da mulher.

A tranqüilidade dos dois amantes começa a ser perturbada quando Camilo recebe uma carta anônima, cuja autoria não é

revelada até o final do texto. Seu conteúdo, entretanto, traduz que o autor sabe do seu envolvimento com a mulher de Vilela, bem como todo o círculo de conhecidos. Em razão disso, o rapaz resolve se afastar da casa do amigo. Ou seja, é a opinião do outro, o tribunal anônimo, que dita seu comportamento. Este é o motivo que faz Rita procurar a cartomante: saber a verdade sobre a ausência do amante. Isto vem corroborar que a ambigüidade também está presente neste relacionamento, pois torna-se necessária a presença e a opinião de um outro na questão.

Dias depois Camilo recebe uma carta de Vilela, com o seguinte escrito: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. O amante já sabe da desconfiança do marido. O fato foi revelado pela mulher no dia anterior. A partir daí, o rapaz começa a tecer diversas interpretações para a carta. “Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera”. (ASSIS, 1962, a: p. 480). Vemos, então, que o discurso de Vilela vai sofrendo alterações a cada nova leitura de Camilo. Leitura esta que sai do papel, passa pela memória de Camilo até chegar à voz do próprio Vilela. Ou seja, à medida que o pânico vai tomando conta do amante, o escrito na carta é transformado em eco na mente de Camilo, assumindo a própria voz do marido traído.

Em sua atitude dupla, Camilo fica em dúvida se atende à solicitação de Vilela ou não e quanto mais hesita, maior é seu medo e o escrito passa a soar-lhe em tom de mistério e ameaça, numa comoção crescente. Quando seu pânico está em clímax máximo, Camilo vê-se diante da casa da cartomante. Mais uma vez hesita entre entrar ou não. Neste momento, o narrador adianta a pré-disposição do amante em acreditar nas cartas. É a mesma situação de Rita, que precisa da voz do outro para resolver os problemas criados por eles mesmos. Diz Helena, personagem de Machado de Assis, em romance homônimo, que “O medo é um preconceito dos nervos” (ASSIS, 1984, b: p. 53).

As situações de duplicidade continuam a povoar o conto. Situações estas que intensificam o clima de mistério, introduzido no primeiro parágrafo. Camilo avista a casa da cartomante, que diferentemente das outras, está com as janelas

fechadas, apesar do alvoroço em que estava a rua naquele momento. É a única casa em que não há curiosos, a fim de verificar o mundo exterior. É um ambiente fechado, o qual não se pode conhecer, sem nele penetrar.

Quando finalmente o rapaz decide por consultar a adivinha, encontra-se emocionalmente abalado, com fantasmas que o fazem viver um drama e reviver todas as superstições incutidas pela sua mãe. Ou seja, ele está mais uma vez na linha de fronteira. Assim, do mesmo modo que Rita, ele entra na casa às escondidas, preocupado que sua atitude pudesse ser presenciada por outras pessoas.

Ao sair da calçada, ele encontra um corredor e uma escada. O corredor está, pois numa posição de caminho de passagem - que liga o mundo institucionalizado em que vive Camilo com o mundo marginal em que vive a cartomante. Para penetrar no cômodo em que está a adivinha, é preciso subir a escada. Temos aí, portanto, mais uma inversão: o mundo de Camilo está do lado de fora e no andar térreo e o da cartomante, do lado de dentro e no andar superior. Desta feita, ao aceitar e penetrar no mundo marginalizado, ele é obrigado a olhar de baixo para cima, numa posição de inferioridade.

O novo ambiente mostra-se totalmente diverso do seu, com características que também revelam duplicidade: a baixa luminosidade está na fronteira entre a claridade e a escuridão; entre o sagrado e o profano; entre o mundo elevado e o subterrâneo. Os degraus corroídos da escada mostram a ação do tempo, a precariedade financeira e também o uso constante das solas dos sapatos sobre eles. O corrimão pegajoso pode revelar a falta de asseio, bem como o suor de muitas mãos que por ali deslizam e procuram apoio. Ou seja, mostra que são muitas as pessoas que pertencem ao mesmo mundo de Camilo e que vão até o outro procurar respostas para as aflições.

Mas Camilo, em seu temor, em sua ansiedade, nada viu e nada sentiu, limitou-se a bater à porta apressada e seguidamente. Tal gesto vem ratificar seu estado de espírito e sua comção naquele instante. Quando a cartomante abre a porta, o rapaz já havia antecipado três pancadas na madeira. Ou seja, já

revelou a ela sua condição emocional. Ela o leva para o sótão e para tanto é preciso que ele suba mais um lance de escadas a fim de adentrar num cômodo ainda mais escondido. Desta vez, a luz é ainda mais baixa, inserindo Camilo totalmente no ambiente profano, marginal. O contato com o mundo exterior dá-se, ilusoriamente, por uma janela, já que esta mostra apenas o telhado dos fundos. O ambiente em que a cartomante dá as consultas tem uma outra atmosfera: “Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio”. (ASSIS, 1962, a: p. 482). Dessa maneira, o local escuro e pobre, longe de afastar clientes, os arrasta, uma vez que aparentemente demonstra caridade por parte da adivinha. Tudo isso remete mais uma vez à questão da duplicidade.

Antes de iniciar a consulta, vidente e Camilo sentam-se diante de uma mesa, opostamente posicionados. Ela, de costas para a janela (de costas para o mundo exterior). Ele, apesar de estar sentado de frente para a janela, tem como única imagem a própria vidente. Ou seja, o contato com seu próprio mundo é bloqueado pela figura da cartomante. E a posição em que estão sentados revela o mundo o qual pertencem. Ela, de costas para a janela, esconde seu rosto nas sombras e ele de frente, pode ser visto pela claridade, pela luz. Logo, mostra à senhora uma face sem máscaras e vulnerável ao olhar. “A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo”. (ASSIS, 1962a: p. 482). E com a luz refletida no rosto, Camilo é analisado pela adivinha, através dos seus “olhos sonsos e agudos”. O baralho enxovalhado, resultado do uso freqüente, começa a ser utilizado de maneira ritual, até que a adivinha revela o motivo que levou Camilo até ela.

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos

finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas. três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela. curioso e ansioso.(ASSIS, 1962 a:p.482)

O susto de Camilo foi revelado nas suas atitudes, conforme já vimos. Se existe o susto, é natural que ele queira saber qual será o resultado. Entretanto, é o próprio Camilo quem diz que existe uma mulher. Logo, a dedução sobre a possibilidade de adultério não é difícil de ser cogitada e, bingo! Ela respondeu o que Camilo queria ouvir: o terceiro não sabia de nada e era necessária muita cautela. É possível esconder um relacionamento adúltero sem cautela?! Isso foi o suficiente para que ele tivesse de volta a paz de espírito, até então perdida. De acordo com Bakhtin, “o homem não tem território interior soberano, ele está todo e sempre na fronteira, ao olhar para dentro de si mesmo ele olha o outro nos olhos ou pelos olhos do outro”.(BAKHTIN,1979,p.312). É, pois, a liminaridade dialógica que aproxima os opostos e permitem que coexistam mutuamente.

Isto se dá porque, de acordo com o professor Paulo Bezerra², a partir do seu estudo sobre Bakhtin, “o processo dialógico é uma luta entre consciências, entre indivíduos, no qual a palavra do outro abre uma fissura na consciência do ouvinte, penetra nela, entra em interação com ela e deixa aí sua marca indelével”. Temos, então, as palavras e previsões da cartomante, que abre inicialmente uma fissura na consciência de Rita e posteriormente na de Camilo, determinando o comportamento dos dois amantes durante o conto.

Como pagamento, a esperta “sibila” não pôs preço, deixando ao “ragazzo innamorato”, estabelecer o valor da consulta, após ouvir o próprio coração. Resultado?! Ele paga cinco vezes mais do que ela costuma cobrar. Afinal, quanto vale a tranquilidade?!

Não somente o comportamento da cartomante e sua esperteza devem ser observados, mas também o caráter de

² BEZERRA, Paulo. *Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó de Machado de Assis e O Duplo de Dostoievski*. In: *Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

duplicidade na composição da própria personagem: estrangeira, fala com leve sotaque. Ou seja, não está somente na posição do outro que vem resolver um problema, mas é ainda alguém de fora a resolver um determinado problema de outra sociedade, da qual originalmente não pertence, seja por nacionalidade, seja por estilo de vida.

Após a consulta, os dois descem a escada e ela o leva até a porta que vai dar na rua. Ou seja, é ela quem conduz o retorno de Camilo à própria sociedade. É quando Camilo sente-se livre. Está fora do mundo misterioso e marginal e liberto das suas aflições. A senhora retorna ao seu lugar, cantando uma barcarola. Mais uma vez, a duplicidade, pois se trata de uma canção de gondoleiros venezianos em compasso binário composto.

Neste ponto vale observar a nova leitura que Camilo faz do bilhete emitido por Vilela, pois sem fantasmas e com a paz restituída, o que antes foi interpretado como ameaça, é lido agora como sendo íntimo e familiar.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo. (ASSIS, 1962 a:p.483)

Com a paz restituída, Camilo não tem medo e sente a magia da felicidade, como nos revela o narrador.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável (ASSIS, 1962 a:p.483)

Ou seja, Camilo retorna à sua condição elevada, mas o faz de maneira exagerada e passa a fazer parte do universo cósmico. Vale dizer, Camilo transcende sua própria condição, ampliando-a de tal forma, com tal exagero, que passa a ser parte integrante do cosmo. É o que Bakhtin denomina de **a doutrina dos quatro elementos**, que é o lugar onde se apagam as fronteiras entre o corpo e o mundo. Estão na mesma

relação a natureza infinita e a própria personagem, numa comunhão sem fronteiras. Mas Camilo estava errado. Ao chegar à casa de Vilela encontra a amante morta pelo marido, que o mata, em seguida, com dois tiros.

Erro nas previsões da cartomante ou nas credices do casal? Não sou eu, leitora, que pretendo dar a última palavra, tentando estabelecer uma verdade que seria apenas mais uma das possíveis versões. O que pretendemos durante o texto foi mostrar o cruzamento das diversas vozes, numa polifonia constante. Deixo, então, para você, meu leitor, a tarefa de encontrar uma das possíveis verdades, após esta leitura. O que farei agora, é analisar a voz do narrador, após esta longa trajetória.

Vimos que no primeiro parágrafo o narrador estabelece um diálogo com Hamlet. Mas as palavras que parafraseiam a personagem Shakespeareana são, todavia, de Rita. Desta feita, não é o narrador quem legitima o discurso da cartomante, mas a mulher de Vilela. Ele, vivazmente, estabelece o diálogo, distanciando-se de emitir uma opinião a respeito.

Mas quem é este narrador? De onde fala? Como fala? Para quem fala? O que pretende dizer? É um narrador de terceira pessoa, que não está inserido na trama. Ou seja, não é personagem da história que narra. Seu olhar é distanciado, aristocrático, conservador e pertence a uma determina elite. Vejam que a partir do momento em que ele estabelece o diálogo entre Hamlet e Rita, mostra que detém um determinado conteúdo cultural. Seu olhar sobre a moça é feito de cima para baixo, pois é ele quem diz que a moça não conhecia o autor que ora traduziu e que o vez “em vulgar”. E quando afirma que a cartomante adivinhara tudo, não o disse porque ratificava as previsões da adivinha, mas porque Rita estava satisfeita e tranqüila, lembra, caro amigo?

Mais adiante, fala das supertições que Camilo tinha quando jovem e diz que foi a mãe do rapaz que lhe incutiu “um arsenal inteiro de credices”, classificado por ele classifica de “vegetação parasita”. Depois, o narrador vai explicar ao leitor como deu-se o trio amoroso. Aí, ele separa, distintamente, as três personagens:

Sobre Vilela, diz que seguiu a carreira de magistrado e que casou “com uma dama formosa e tonta”. Sobre Camilo, diz que “era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição”(ASSIS, 1962 a:p.479). Já a cartomante, uma italiana alta e magra, tinha “olhos sonsos e agudos”. Então temos um narrador distanciado, em posição de superioridade com relação ao objeto narrado, culto e que ironiza, critica e denuncia sua própria sociedade. Quem melhor para falar de uma determinada sociedade do que um membro dela? Teria, então, a cartomante, errado nas previsões ou os amantes eram por demais ingênuos para acreditarem nas cartas? Ter a resposta correta é, na verdade, o menos importante. O que vale é perceber que as diferentes vozes se entrecruzam e interagem, numa linha vertical e horizontal. Mais do que isso, simultaneamente, num diálogo polifônico constante.

Mas, e você? Nunca desejou saber o que lhe reserva o destino, através das cartas?

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *A Cartomante*. Edição em Volumes, *Obra Completa de Machado de Assis*. Em Três. III vols. Vol. II. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1962a.

_____. *Helena*. São Paulo: Editora Três Livros e Fascículos, 1984b.

BAKHTIN, Mikhail . *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra, 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.

_____. *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora Bernardini, José Pereira Júnior e Augusto Goés Júnior. 1a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

_____. Dialogismo e polifonia em Esaú e Jacó de Machado de Assis e O Duplo de Dostoiévski. In: *Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. .

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

VARGAS LLOSA, Mario. *A Verdade das Mentiras*. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.